

FELICIDADE: DIÁLOGOS SOBRE O BEM-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (São Paulo: Companhia das Letras, 2002)

Raimundo Hélio Leite¹

BCH-UFC

Dentre os temas mais recorrentes na vida e no caminhar civilizatório da humanidade encontra-se a felicidade, enfocada por diferentes ângulos e abordagens. Filósofos, psicólogos, religiões de todos os matizes e, mais recentemente economistas têm se preocupado em encontrar uma resposta adequada para a pergunta: o que é a felicidade humana? Quer se queira ou não, ela tem se tornado uma busca determinada e erigida como um fim a ser alcançado aqui na terra ou em algum outro lugar.

Entre os gregos, a noção de felicidade recebia de cada filósofo uma determinada visão. Em Sócrates, a idéia de felicidade estava ligada á noção de bem e de fim, pois para ele "a arte moral não é a arte de bem viver tendo em vista alcançar a felicidade, e sim a arte de ser feliz porque se vive bem." Em Platão, ela liga-se ao bem absoluto. Para Aristóteles, o bem supremo do homem é a felicidade ou *eudamonia*.

As religiões prometem a recompensa após uma vida dedicada ao cumprimento de suas determinações, enquanto a tradição budista promete a iluminação para se atingir o nirvana ou a felicidade completa. Os economistas procuram descobrir relações entre variáveis objetivas, tipo salário, e elementos subjetivos indicadores de felicidade.

Este livro trata deste tema, segundo a visão de um grupo de amigos que têm o hábito salutar de se encontrar para discutir, de forma organizada e conseqüente, temas de seu interesse. É da forma de organizar seus encontros de estudo que surge uma primeira sugestão metodológica interessante para esse tipo de discussão: escolha de um coordenador para apresentar um tema especí-

fico a partir de uma questão posta pelo grupo; a distribuição de um texto básico e bibliografia sobre o assunto; a limitação do tempo para as discussões e, muito importante, estabelecimento de lei seca durante o período das discussões, por razões óbvias.

O livro resulta da transcrição de quatro encontros que tiveram seus diálogos gravados. No primeiro, eles discutem a promessa iluminista de felicidade para todos. No segundo estudam as relações entre indicadores objetivos (dimensão objetiva) e subjetivos de bem-estar; no terceiro foi abordada a domesticação do ser humano e no quarto eles discutem o que poderia ser chamado de viagra da felicidade. O livro termina com um epílogo em que o autor observa que as discussões apresentadas no livro representam posições filosóficas dos seus autores e, como tais, não pretendem servir de guia ou caminho final para se tentar alcançar a tão almejada felicidade.

Ao discutir o fracasso da tese iluminista, como uma das possíveis causas, o funcionamento esperado por seus proponentes de tripé em que ele se baseava: a dominação da natureza, o aperfeiçoamento da pessoa humana, que seria aprimorada com a educação e a racionalidade dos governos a quem caberia regular as ações das pessoas, de forma a promover a felicidade geral de todos. Como se sabe, desses vetores, apenas a dominação da natureza tem alcançado níveis impossíveis de ser imaginados por quem quer seja. Resultam desse desenvolvimento coisas boas e ruins no plano bem-estar: tecnologia avançada, mas também guerras, bombas nucleares e degradação do meio ambiente. Chegam, então, os autores das discussões, em função do resultado não êxito do iluminismo, à idéia de "bifurcação pós-iluminista, criando duas vertentes contemporâneas de pensamento sobre o tema. Uma que aponte para a incompletude da proposta iluminista e uma rota que leva a Hegel, Marx e à Escola de Frankfurt. A outra, que conduz a pensadores como Diderot, Weber e Freud. No âmago dessa incompletude estão os efeitos deletérios que a civilização traz para o homem, a

¹ Doutorando em Educação. Professor da Universidade Federal do Ceará.

que um dos autores da discussão refere como *tese da permuta civilizatória*. Segundo essa tese, o progresso civilizatório cobra um preço do ser humano, na medida em que associado ao progresso econômico, vêm também fontes de angústia, de medo, de preocupações e de frustrações.

No segundo encontro, o livro mostra como esse tema tem dominado a preocupação de um crescente número de cientistas de várias áreas de conhecimento. Cada dia são realizadas mais e mais pesquisas que tentam correlacionar indicadores mensuráveis de bem-estar com fatores subjetivos reveladores de felicidade. Os resultados são perturbadores no sentido de que o dinheiro só compra felicidade até um certo limite. Em países como Japão, Estados Unidos e Europa, esse patamar estaria em torno de 10 mil dólares. A partir dele, os ganhos adicionais de felicidade relatados pelas pessoas não são significativos. Além disso, as pesquisas mostram que nem os muito ricos são totalmente felizes. Resultados de pesquisas, com ganhadores de prêmio acima de 500 mil dólares são relatadas, mostram a presença de infelizes nesse grupo de pessoas, passada a euforia inicial causada pelo prêmio. Embora se questione a metodologia de aferição dos indicadores subjetivos de felicidade, apontam-se elementos de validação externa dos resultados obtidos.

O grande paradoxo apontado nessas discussões desse encontro é que grandes progressos econômicos em nações ricas trazem uma aparente felicidade individual, mas a satisfação coletiva não aumenta. Isto é, as partes são maiores do que o todo.

As discussões do terceiro encontro focam-se sobre os efeitos da transgressão do homem dos limites que lhe são impostos (*hybris*) e a respectiva ação corretiva visando a restauração do equilíbrio anterior (*nemesis*). O texto traz uma longa série de citações de lendas e de mitos, além de uma referência à tradição judaico-cristã. Esse diálogo retoma a idéia de *tese da permuta civilizatória*, para afirmar que "não há uma harmonia preestabelecida entre o progresso e a felicidade humana." A partir da idéia

de que "A natureza não dá saltos" o grupo elabora todo um racional para tentar mostrar que a diferença entre o homem e o animal é apenas uma questão de grau e que o homem civilizado coabita com sua base animal. É essa dualidade que provoca tensões e quebra de limites, gerando os descompassos e as respectivas correções. O grande malogro da educação reside talvez na sua incapacidade de aperfeiçoar convenientemente o homem, como previam os iluministas, como forma de prepará-lo para atingir a felicidade plena.

A autora do texto desse encontro propõe dois pontos para a discussão: o primeiro que ela chama de *crise da ecologia psíquica*, que envolve o homem moderno, em face de suas transgressões em relação ao meio ambiente. O outro ponto é posto sob a forma de um questionamento: "A civilização entristece o animal humano?" Para conhecer as respostas do grupo de discussão, sugiro que o leitor leia o livro.

O último trata da busca da felicidade sem rodeios e imediata, como se ela pudesse ser obtida por via instantânea. O autor do texto desse encontro inicia por alinhar os mecanismos de fuga utilizados pelo ser humano para evitar a dura realidade do dia-a-dia. Nessa perspectiva, o uso de plantas, amuletos e alucinógenos são bem conhecidos. Ele exemplifica casos históricos para ilustrar, como o caso da papoula, que, segundo registro de um ideograma mesopotâmico, se constituía na "planta da alegria"; de Helena, a bela da Odisséia que, de acordo com Homero, possuía uma planta que acabava com a melancolia e o desprazer, quando colocada no vinho que se tomava. O eixo focal da discussão nesse encontro é, portanto, verificar em que grau a felicidade, no mundo atual, pode ser encontrada por meio do caminho de drogas que prometem se atingir estágios mentais em que ela está presente.

A leitura do livro de Giannette põe-nos a questão: Será que o nosso poetinha maior, Vinicius de Moraes, tinha razão ao escrever as estrofes abaixo, em sua clássica canção, A Felicidade?

"Tristeza não tem fim
Felicidade, sim.

.....
"A felicidade é como uma pluma
Que o vento vai levando pelo ar.
Voa tão leve, mas tem a vida breve
Precisa que haja vento sem parar."

Sabe-se que o vento civilizatório tem soprado sempre, ao longo do tempo, com mais ou menos força, é verdade, mas não tem sido capaz de promover, em larga escala, a felicidade almejada e prometida por correntes filosóficas, por correntes religiosas, por drogas cada vez mais poderosas e destruidoras,

livros de ajuda pessoal e outros que tais. O conceito de felicidade, posto pelo poeta, é concebido pelo autor do livro como um "estar feliz", que resulta da vivência de experiências pontuais. Bom, "ser feliz", segundo ele, resulta de uma postura e um olhar abrangentes sobre a vida passada do indivíduo. Como se trata de uma discussão filosófica, cabe a cada leitor tirar suas próprias conclusões.

Por fim, há que se registrar o fato de que o livro mostra a grande preocupação que pesquisadores de várias áreas têm com o tema felicidade, o que é demonstrado pelo esforço de pesquisa despendido. Portanto, vale a pena ler o livro.